

# ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O ESTUDO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NO PLANALTO MIRANDÊS

Por Mana de Jesus Sanches \*

## 1. Introdução:

Desde 1983 que vimos desenvolvendo um projecto de estudo do povoamento durante a Pré-história recente — Neolítico/Calcolítico e Id. do Bronze —, do *Planalto Mirandês*.

O *Planalto Mirandês* que em termos administrativos inclui os concelhos de Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro e, do ponto de vista geoclimático, ainda a parte N. do concelho de Freixo de Espada à Cinta, embora não sendo, na altura em que elaborámos o projecto, uma região nem melhor nem pior conhecida que outras do Leste Transmontano V foi escolhida porque precisamente nesse ano, 1983, o Dr. Domingos Marcos, que procedia ao levantamento arqueológico dos concelhos de Mogadouro e Miranda do Douro, amavelmente nos noticiou o aparecimento de novas estações arqueológicas pré-históricas indicadoras de uma persistente ocupação humana nesta região durante a Pré-história recente. Fig. 1.

O *Planalto Mirandês* constitui genericamente um bloco unitário tanto do ponto de vista geográfico e climático como até em termos do aproveitamento dos recursos naturais por parte da população actual.

---

\* Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Porto.

<sup>1</sup> Até essa data só se conhecia o inventário/descrição<sup>1</sup> feito pelo Abade de Baçal e poucas outras notícias eaparsas de achados soltos, quase todas remontando ao início deste século,

Aqui a paisagem é monótona porque nela se sucedem montes planálticos muito erosionados, descarnados e cobertos duma vegetação rasteira entremeada, por vezes, de pequenos bosques de carvalhos ou de soutos. Esta *planura* só é interrompida a W. pelo vale do rio Sabor, a NW. pelos vales dos rios Angueira e Maçãs e, a E., pelas escarpas profundas do rio Douro.

Destacam-se deste ondulado regular de baixas colinas e de lombas, somente os *Cimos do Mogadouro* (Serras da Castanheira com 993m, do Variz com 994m e de Figueira com 920m) que, ao aproximarem-se dos mil metros de altitude e ao surgirem isolados, se sobrepõem às altitudes médias da região. Surgem ainda regularmente no planalto, pequenos vales de altitude por onde escorrem, sob a forma de riachos ou ribeiras, as águas dos meses mais chuvosos. Tais cursos de água, embora temporários, quebram esta aparente monotonia e criam uma surpreendente e agradável alternância de solos áridos e quase nus — onde se pratica uma agricultura cerealífera em regime de pousio e em propriedade geralmente aberta — e de pequenos vales viçosos, estes frequentemente arborizados e muito compartimentados porque reservados ciosamente para o pasto (lameiros) ou para a prática de uma horticultura intensiva que usa, por norma, o regadio.

Percebe-se no entanto que adentro desta paisagem mais ou menos uniforme do *Planalto* e, pese embora toda a população actual viva arreigada a uma economia tradicional agrícola/pastoril e tenha um tipo de vida económica e social similar, se notam importantes contrastes a nível climático e ao nível das espécies vegetais cultivadas entre por ex. *as zonas que beneficiam da influência climática do rio Douro* (essencialmente onde este não apresenta um vale demasiado escarpado), *as do planalto propriamente dito* — mais frias e com maiores amplitudes térmicas que as anteriores—, e *aquelas que incluem as encostas soalheiras do Sabor e seus afluentes*.

Sem querer de modo algum transpor este tipo levemente contrastado de paisagem para a Pré-história, ele pode constituir, mesmo assim, um indicador da possível diferenciação do povoamento nesta região, povoamento que se relacionará estreitamente com a estratégia económica, a tecnologia (ou com outros factores por ora desconhecidos) que levaram à implantação dos grupos pré-históricos nestas micro-regiões.

Pretendemos assim com este projecto e, atendendo a que o

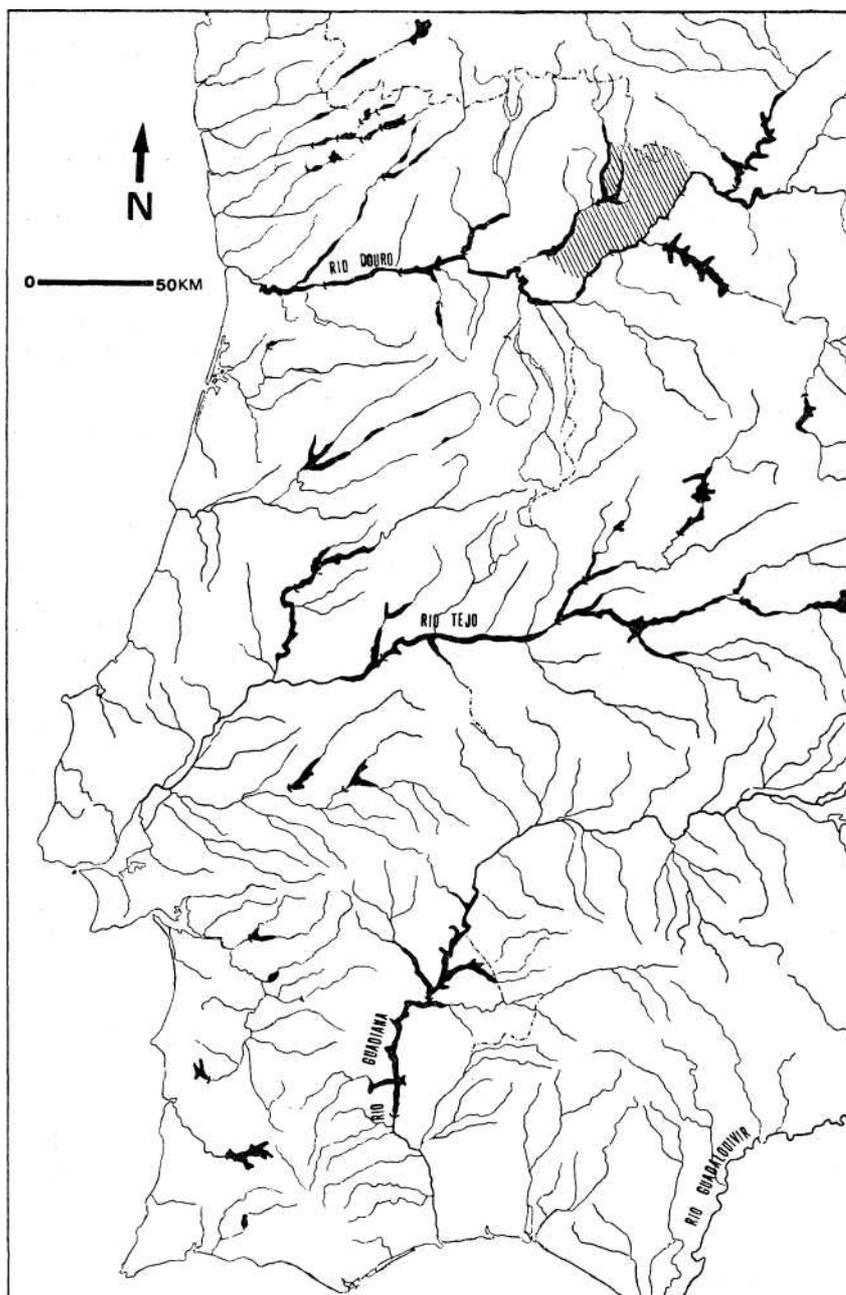


Fig. 1 — No mapa de Portugal, o tracejado corresponde ao *Planalto Mirandês*.

estudo da Pré-história no *Planalto Mirandes* se encontra ainda no seu começo, primeiramente fazer uma prospecção exaustiva — já iniciada pelo Dr. Domingos Marcos e com bons resultados, como já referi —, que identifique e cartografe as estações arqueológicas pré-históricas por regiões ou micro-regiões naturais dentro deste pequeno território.

A par desta acção, e visto que da mesma se obtêm informações muito limitadas, teremos, (como aliás temos vindo a fazer), de escavar os povoados mais significativos, de proceder ao levantamento de gravuras e/ou pinturas (e mesmo a escavações) em rochas e abrigos com arte rupestre, e ainda de estudar, escavando, os raros monumentos megalíticos desta região.

Embora seja um pouco invulgar na Arqueologia Portuguesa este tipo de projecto que aglutina o estudo de estações arqueológicas que normalmente são estudadas por especialistas diferentes — os quais normalmente no decurso dos seus trabalhos, ou na fase de conclusão, procuram articular os resultados—, aqui, esta atitude liga-se a uma condicionante muito concreta. Não existe qualquer projecto de estudo por ex. do megalitismo desta região ou dos abrigos e rochedos com arte. Logo, estudar somente cada um destes tipos de estações, por ex. os povoados, seria falsear as conclusões sobre uma *ocupação real* deste território pois que todos estes vestígios, contemporâneos ou não, têm de ser entendidos na sua *dimensão individual e na sua correlação global*, e o contributo para esse *entendimento* só pode ser dado pelo trabalho de campo em todos eles, pela escavação dos mesmos.

A este projecto, cujos objectivos implicam, como em qualquer outro nesta área de estudo, a colaboração de vários especialistas, têm prestado o seu apoio alguns investigadores doutras áreas — da Biologia, por ex., que estudam as paleofaunas através dos vestígios ósseos encontrados nas escavações<sup>2</sup>; da Química que, nos laboratórios de C14 e a partir de matéria orgânica (ossos ou carvões) exumada pelo arqueólogo, obtêm datas absolutas. No entanto, estamos conscientes que muitos outros estudos específicos se torna imprescindível fazer, como seja o dos pólenes fósseis (Palinologia) e o da identificação das espécies vegetais a partir de carvões (Antracologia), com vista à reconstituição do clima e da

---

<sup>2</sup> As referidas análises encontram-se a cargo da Dra. Teresa Cunha Lopes da Univ. do Minho,

cobertura vegetal desta região na época em que a mesma foi ocupada por grupos humanos pré-históricos.

Vista, para já, a ausência ou quase ausência de especialistas destas matérias no nosso país, teremos de fazer incidir a nossa pesquisa no campo estritamente arqueológico.

Apesar de todas estas limitações, mas cientes da necessidade deste estudo alargado, aproveitamos a oportunidade deste artigo para convidar aqueles que se interessem pelo projecto em questão, quer se trate de especialistas ou simplesmente de amadores, para uma colaboração no mesmo. A mesma colaboração pode ser dada através da participação em escavações ou noutros trabalhos com estas relacionados, ou ainda pela realização de estudos complementares mais específicos como seja, por ex., o da geologia desta região, para a qual nem sequer existem cartas à esc. 1:50 000.

## 2. Breve alusão às diferentes estações arqueológicas

Foram identificados no *Planalto Mirandes* e através de prospecções de superfície, vários povoados pré-históricos não murallhados. No entanto, aqueles com estruturas defensivas (muralhas, fossos, etc.) a que normalmente se chama de *castros*, são em muito maior número. Mas, das características destes, da sua cronologia, dada a ausência de escavações arqueológicas, pouco ou nada se sabe.

Percebe-se, pelo material arqueológico aparecido à superfície, que muitos de entre eles são povoados romanizados (presença de *sigillatas*, de moedas, fibulas e lápides romanas), contudo, a sua *vida* anterior à romanização, isto é, a data da sua implantação em montes de média altitude ou em esporões sobre o Douro, as razões que levaram à escolha de tais locais para habitat, o seu período de vigência, as actividades desenvolvidas por essas populações e sua interacção com o exterior, em suma, a sua (pré-)história, são questões essenciais que continuam a constituir uma lacuna grave nos nossos conhecimentos.

Se parece certo que, em princípio, a maioria destes *castros* ou povoados fortificados tiveram uma ocupação na I. do Ferro (cujo início é situado no séc. VI a.C), o aparecimento naqueles de materiais pré-históricos (machados de pedra polida; machados planos de cobre, pontas de seta de sílex e de cobre, lanças de

cobre; lanças de bronze e cerâmica, esta, nalguns casos, predominantemente manual), pode constituir um indicador de uma ocupação mais antiga, talvez do Bronze Médio ou Final.

Seg. Esparza Arroyo (ESPARZA ARROYO 1983), alguns dos castros de Zamora ocidental e de Trás-os-Montes oriental, devem ter-se fortificado no Bronze Final, e ainda, M. Martins (MARTINS 1986), numa notícia recentemente publicada, dá-nos conta, com duas datas de CI 4, da construção das estruturas defensivas no povoado romanizado de S. Julião-Vila Verde, ainda no Bronze Final (entre os sécs. X-VIII a.C).

Outros exemplos abundam (até mesmo de fortificações em povoados da bacia do Douro e situados no Bronze médio — «castro» de La Plaza em Cogeces dei Monte, Valladolid — DELIBES DE CASTRO e F. MANZANO 1981), mas, com isto, só queremos reforçar a ideia de que talvez aqui também, no *Planalto Mirandês*, muitos dos povoados fortificados pertençam, ou devam mesmo a sua formação, a um período anterior à I. do Ferro.

Esta questão só será esclarecida quando se realizarem escavações sistemáticas em povoados fortificados desta região e a mesma só foi focada aqui por duas ordens de razões. A primeira tem a ver com a detecção, até à data, somente de povoados que aparentemente se integram no Calcolítico/Bronze inicial (aprox. entre meados do III e meados do II mil. a. C), de grutas calcáreas aparentemente com a mesma cronologia (grutas de Ferreiros—M. do Douro), e de abrigos com arte rupestre cuja cronologia é mais difícil de discernir mas que não deve ultrapassar o Bronze médio (abrigos das Fragas da Lapa-Atenor, Miranda do Douro e abrigo de Penas Roias, Mogadouro).

Sobre a cronologia dos monumentos megalíticos ou melhor, mamoa, nada podemos adiantar pois ainda não escavámos qualquer uma. No entanto é muito pouco provável que a sua construção se situe sequer no Bronze médio <sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Enquanto este artigo na tipografia procedemos à escavação duma mamoa — a mamoa 3 de Pena Mosqueira, freg. de Sanhoane, conc. do Mogadouro.

Tratava-se de uma grande mamoa sem qualquer estrutura megalítica no interior mas que incluía, aproximadamente DO seu centro, um enterramento primário, presumivelmente individual e intacto. Este enterramento era definido por uma grande mancha de ocre lançada sobre o solo geológico de base e o espólio votivo que acompanhava o cadáver — cerca de meia centena de micrólitos geométricos de sílex, uma enxó de silimanite, um colar com cerca de 2000 pequenas contas de

Além destas estações, só encontramos povoados fortificados. Ora, se pensarmos nestes como pertencentes unicamente e todos à I. do Ferro, teremos de admitir para esta região um hiato de povoamento de cerca de um milénio. No entanto, ante a densa rede de povoados fortificados aqui presente, somos levados a supor uma continuidade de ocupação do território no *Planalto* durante o Bronze Médio/Final e I. do Ferro.

A segunda razão prende-se com a primeira e refere-se à diferente estratégia de implantação dos povoados fortificados desta região, às dimensões do espaço habitável intramuros e ainda às características específicas das fortificações. Estes serão elementos indicadores, em princípio, de uma socio-economia concreta pois são decorrentes das relações que um «espaço construído para ser habitado» manteve com a região envolvente.

Por não nos termos ainda debruçado atentamente sobre este problema (e aliás, porque os «castros», quase destruídos e/ou cobertos de vegetação que visitámos, poucas informações deixam transparecer), anotamos tão só algumas impressões gerais.

De entre os povoados fortificados, uns situam-se em pequenos esporões sobre um rio ou ribeira (Algosinho, Mogadouro-Fig. 2), encaixados nos meandros de um rio ou mesmo na confluência de dois rios (Raio, M. do Douro). Outros, com esta mesma implantação topográfica, são de dimensões bem maiores, como é o caso do castro de Vale de Águia (M. do Douro), ou do castro de Paradelas (Paradelas, M. do Douro). Além destes, outros ocupam «acrópoles», montes de encostas bastante declivosas que se destacam, pela sua altitude e configuração, do peneplano ondeado do planalto (Castrolúcio - Atenor, M. do Douro).

Alguns destes castros são totalmente rodeados de possantes muralhas e contêm fossos e pedras fincadas nas zonas de acesso mais fácil. Outros, ao contrário, parece que nunca tiveram imponentes estruturas defensivas.

Adentro destes castros o espaço murado varia enormemente e o território que estes povoados abarcam ou dominam, tanto do ponto de vista da sua extensão como das suas potencialidades agrícola/pastoris, também difere muito de uns para os outros.

---

xisto negro e ainda 3 lajes manchadas e/ou pintadas de ocre vermelho —, apontam a erecção deste monumento num *momento* situável entre os finais do IV e os inícios do III mil. a. C.

Esta variabilidade, patente a tais níveis, tanto pode ser indicadora de uma cronologia distinta de uns relativamente aos outros, como reveladora de diferentes motivações socio-económicas, culturais e até militares, que levaram à sua implantação, como mesmo de ambas em simultâneo.

Mas, sem querermos entrar mais neste campo por ora quase desconhecido, gostaríamos de deixar aqui expressa a nossa convicção de que um projecto de estudo que tentasse responder às questões já aqui apontadas — cronologia, estratégia de implantação e estratégia defensiva, dimensões do habitat e organização urbanística, relação sócio económica e política dos povoados com outros de mesma época e relações com a paisagem envolvente —, viria contribuir enormemente para o conhecimento da ocupação humana pré e proto-histórica desta região e, conseqüentemente, para a definição das linhas de força que persistiram ao povoamento durante estes dois períodos.

É por esta razão que tencionamos, em simultâneo à prossecução do estudo de estações arqueológicas pré-históricas, vir ainda a escavar, de colaboração com arqueólogos especialistas em Proto-história, alguns povoados fortificados desta região.

### 3. Os povoados pré-históricos do Cunho e Barrocal Alto

#### 1. *O Cunho.*

De colaboração com o Dr. Domingos Marcos, fizemos uma escavação em 1983 e 1984 num povoado pré-histórico, o povoado do Cunho (SANCHES e MARCOS 1985) e, em 1984 e 1985 uma outra, agora sob a responsabilidade de um só destes signatários (M. J. Sanches), num povoado situado a cerca de 2km daquele, o do Barrocal Alto. Situam-se ambos na freguesia de Peredo da Bemposta, concelho do Mogadouro. Fig. 2.

O povoado do Cunho ocupa, no monte com o mesmo nome, um *plateau* sobranceiro à encosta mais íngreme e ainda o início dessa mesma encosta (encosta NE), na base da qual corre, alcantilada, a ribeira do Cunho que desagua no rio Douro a 1,5 km para SE do povoado. Fig. 2, Est. I.-1.

O monte do Cunho é um barrocal granítico, erosionado e quase inacessível pois as encostas são muito abruptas em quase

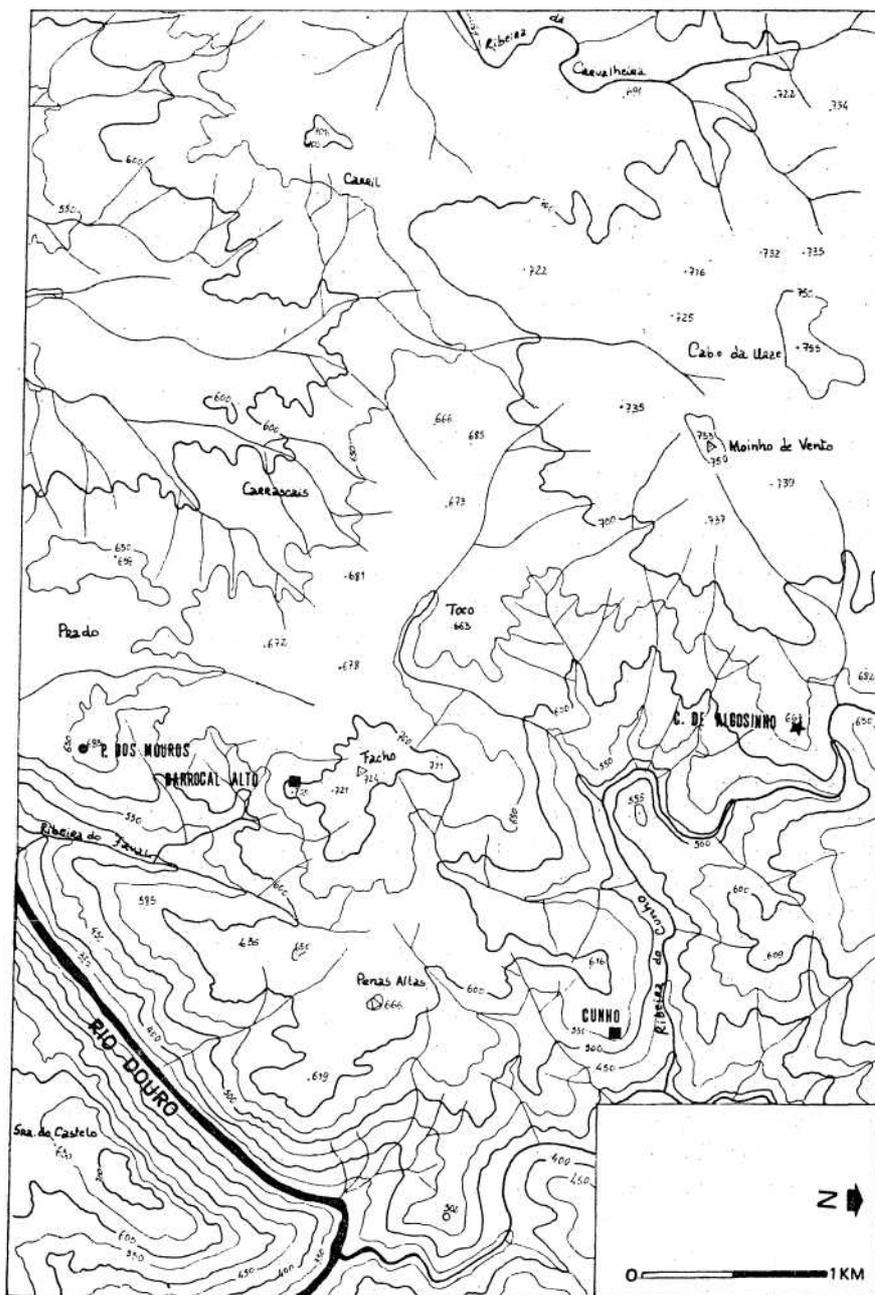


Fig. 2 — Localização dos povoados pré-históricos do Cunho e Barrocal Alto. Figura aqui ainda o *castro de Algosinho* e a *Pala dos Mouros*, um abrigo rupestre com ocupação humana presumivelmente pré-histórica.

toda a sua extensão. Somente pelo lado S. o acesso é mais facilitado visto ser nesta direcção que o monte se alonga, sem grandes desníveis, a uma cota média de 600m.

Assim, o povoado do Cunho, situado entre 560 e 570m de altitude absoluta, é um povoado com condições naturais de defesa, só acessível por um dos seus lados e sem estruturas defensivas outras que a própria orografia do monte e a boa visibilidade de que disfruta para S, E. e N.

Dos seis sectores de escavação aqui abertos, quatro correspondiam a núcleos de habitat (ou *cabanas*), inscritos em pequenas áreas livres entre penedos. Os próprios penedos desempenhavam o papel de *parede* ou serviam de escoramento às estruturas de troncos e ramagens, cobertas de barro cru, que as constituíam. Efectivamente, onde não existem penedos contornantes suficientemente altos, surgem buracos de poste ou seja, os «negativos» do assentamento dos troncos. Ainda do nível de ocupação das *cabanas* foram exumadas grandes quantidades de barro de revestimento que exibiam, com grande nitidez, os «negativos» do entrecruzamento das ramagens usadas na construção. Est. II-1.

Em todas as *cabanas* foi detectado um único nível de habitat, mas a potência de terras é em quase todas elas tão fraca (pode chegar a ter entre 15 e 20 cm, outras vezes atinge 1m) que, em muitas zonas, a camada arqueológica se confunde com a terra humosa superficial. Daqui se depreende que a ausência de protecção dada pelas terras superiores acelerou a destruição das estruturas habitacionais deste povoado.

Nas *cabanas* dos sectores I e V, aquelas onde a camada arqueológica estava mais protegida, conservaram-se, além dos buracos de poste cavados na terra argilosa/arenosa de base, lareiras (uma em cada sector), estas contendo terra queimada e pedras com vestígios de exposição ao fogo. Em ambos os casos se situavam num dos topos da *cabana*, quase encostadas aos altos penedos. É provável que esta escolha tenha a ver com razões de protecção da *cabana*, feita de materiais precípeis ao fogo.

Deste povoado provêm inúmeros fragmentos cerâmicos. Trata-se de cerâmica feita à mão (sem auxílio do torno), alisada e cujas formas são essencialmente globulares e em calote esférica, ambas de fundo convexo. Alguns vasos globulares de pequenas e de grandes dimensões possuem colo, o qual, nuns casos, é leve-

mente marcado, embora noutros seja mesmo muito acentuado. Est. III.2.

As decorações, embora só incidam em cerca de 20 % dos recipientes, são muito variadas: linhas incisas paralelas ao bordo ou formando triângulos; triângulos incisos e preenchidos interiormente por puncionamentos ou por linhas, e puncionamentos variados, simples ou arrastados, organizados ora em linhas ou bandas paralelas ao bordo, ora ocupando somente e na vertical, algumas partes do vaso. Est. III.

Adentro ainda do material cerâmico, são de referir os recipientes de paredes perfuradas (talvez se trate mesmo de «queijeiras») e placas sub-rectangulares de barro, com duas perfurações (uma em cada extremidade), ou com quatro (duas em cada extremidade) e que geralmente se denominam *de pesos de tear*. Est.III-5. Também de barro são uns objectos de base circular e corpo subcilíndrico, perfurados na sua base e aos quais os arqueólogos chamam de «ídolos de cornos» mas cuja função concreta está ainda por determinar.

Além do espólio cerâmico, surgem ainda partes dormente e móvel de mós manuais, machados de pedra polida, pesos de rede de xisto circulares e com duas perfurações, grande quantidade de percutores de quartzo (com nítidos vestígios de uso), lascas retocadas e alguns raspadores e raspadeiras espessas de quartzo.

Da camada de ocupação do S. I foi exumado um objecto metálico. Trata-se de um punção de cobre de secção rectangular e pontiagudo nas duas extremidades. Est. II-2.

Dada a impossibilidade de obter neste povoado, amostras de carvão não contaminadas por raízes actuais (a única amostra obtida no S. V e analisada pelo Lab. de C14 da Univ. de Granada deu a seguinte data: UGRA 221 —2340 + 100 B.P.) que nos forneçam datações absolutas e relativas, permitindo assim comparar cronologicamente as diversas unidades de habitat entre si, baseamo-nos somente nas comparações ao nível do espólio para afirmar que as diferentes *cabanas* nos parecem genericamente contemporâneas.

## 2. O Barrocal Alto.

O povoado do Barrocal Alto alonga-se a uma cota que varia entre 690 e 710m, pelo topo e encosta W. do monte como mesmo nome. Fig. 2 e Est. 1-2.

Virado a uma alargada veiga fértil—o Prado—, domina, a S. e W., uma extensa paisagem mais baixa que inclui o vale do rio Douro, o qual corre a E., SE. e S.

Também aqui as encostas são declivosas e o acesso ao topo do monte só é facilitado se se tomar a encosta NW, mais suave, ou se se partir do monte do Facho (que possui um marco geodésico com a cota de 724m), situado no prolongamento para N. deste barrocal.

Sendo assim, este povoado, com ótimas condições naturais de defesa tal como o Cunho, também, e à semelhança aquele, não possui muralhas.

O Barrocal Alto é um monte muito erosionado onde o elemento predominante é o granito.

Aqui a implantação das unidades de habitat fez-se ou em alargadas áreas delimitadas por penedos (por ex. uma dessas áreas tem cerca de 100x40m — Sector II), ou em zonas mais apertadas, onde o espaço deixado livre pelos afloramentos graníticos não ultrapassa a superfície de 35m<sup>2</sup>. ■■■...

Dos cinco sectores de escavação aqui abertos, em dois — o S. II e o S.V —, a erosão não se mostrou tão acentuada e permitiu conservar um razoável número de estruturas de habitat. Apesar disso, o S. II estava bastante destruído, não pela erosão, mas pelo plantio antigo e recente de árvores cujo cruzamento de valas dificultou bastante a interpretação da estratigrafia e estruturas surgidas na escavação.

Este sector, situado a cerca de 20m do topo da encosta, implanta-se numa plataforma alargada longitudinalmente (no sentido N-S) e tem uma óptima exposição solar.

A sua estratigrafia mostrou terem existido aqui dois níveis de habitat: o primeiro, mais antigo, constituído por empedrados (*camada 3*), e o segundo, cujas terras eram bem distintas na cor e composição do 1.º (*camada 2*), por uma *cabana* alongada no sentido E-W, delimitada por onze (buracos *áé*)*postes*) e que continha, na sua extremidade E., uma lareira implantada numa cova aberta

na terra granítica de base. Trata-se de uma grande cabana de cerca de 48m<sup>2</sup>.

O S. V, situado a cerca de 100m para S. do S. II e aproximadamente à mesma cota daquele, inclui uma única cabana de forma ovalada, alongada no sentido N-S, e cuja área interna é de cerca de 30m<sup>2</sup>. É quase toda ladeada de altos penedos e contém ainda cinco (buracos de) *poste(s)* no seu contorno. No topo SSW., uma grande mancha de carvões e pedras calcinadas pelo fogo com cerca de 5m<sup>2</sup>, e onde se individualizam 3 lareiras, permite perceber da insistência na ocupação desta área para a realização de fogo.

Deste modo, esta *cabana*, que só contém um nível de ocupação, deve ter desempenhado para o grupo pré-histórico em questão e em *determinado momento*, um papel assaz importante.

O material arqueológico exumado de ambos os sectores é muito semelhante e, excluindo a presença aqui de qualquer elemento metálico, é comparável ainda ao do Cunho.

Provêm indistintamente do S. II e do S.V, percutores de quartzo, mós manuais (partes dormente e móvel), lascas atípicas de quartzo, algumas raspadeiras e raspadores, ambos espessos, um ou outro fragmento de lasca de sílex, machados polidos e enxós em grande quantidade. (Est. IV. 7 e 8).

Ainda aparecem aqui, mas só no S. V e camada 2 do S. II, os chamados «ídolos de cornos» com uma ou duas perfurações na base.

A cerâmica é o espólio mais abundante. Toda de fabrico manual, é alisada e as suas formas são, como no Cunho, essencialmente globulares ou em forma de calote esférica e com o fundo convexo. Também no S.V e no S. II (1.º nível de ocupação ou e.3), surgem vasos globulares com colo levemente marcado ou mesmo muito estrangulado. (Est. IV-2)

Apesar de todo este material se encontrar ainda em estudo, podemos, com base na análise estratigráfica e na comparação entre as formas e decorações dos recipientes cerâmicos presentes no S. II —1.º e 2.º níveis de ocupação— e no S.V, concluir o seguinte.

Há, no sector II e ao nível da estratigrafia, nítida distinção entre as *camadas 2 e 3*. No que respeita às formas e decorações cerâmicas nota-se continuidade entre as duas, mas também inovações da primeira relativamente à segunda.

*Na camada 3 — 1.º nível de habitat—*, surgem vasos em forma de calote esférica, em meia calote esférica (*taças*), em tronco de

cone mas de paredes levemente convexas, e ainda vasos globulares de bordo largo, muito extrovertido e sub-horizontal. Todos estes vasos têm o fundo convexo.

*Na camada 2* — 2.º nível de habitat —, além das formas referidas para o 1.º nível, surgem ainda vasos de corpo globular, simples, e ainda fundos planos que não sabemos a que formas cerâmicas pertenceram.

Quanto às decorações (que, tal como no Cunho, surgem em fraca percentagem — cerca de 20%), a cerâmica incisa (linhas incisas paralelas ao bordo ou formando triângulos), a cerâmica cujos puncionamentos, simples ou arrastados, organizados em linhas paralelas ao bordo ou combinados com linhas incisas (formando por ex. triângulos com puncionamentos no seu interior) e aquela decorada com elementos plásticos (mamilos), está presente em ambos os níveis. O 2.º nível regista ainda o aparecimento de cerâmica decorada com caneluras largas, com impressões feitas por meio de um punção oco (talvez cana) (Est. IV-1) e com incisões dispostas em V (a também chamada « espinha de peixe »), simples ou combinadas com puncionamentos arrastados. Foi exumado ainda aqui um fragmento de bordo decorado no lábio com incisões dispostas em « espinha de peixe ». (Est. IV-1).

O sector V contém todas as formas cerâmicas presentes em ambos os níveis do sector II excepto os vasos de corpo globular com o bordo largo, extrovertido e sub-horizontal. Exibe ainda um fundo plano.

Na cerâmica decorada está ausente a decoração plástica (presentes em ambos os níveis do S. II), a cerâmica decorada com caneluras ou com impressões de « cana » e aquela em *espinha de peixe* (estas três últimas exclusivas, no B. Alto, do 2.º nível de ocupação do S. II). Est. IV-2, 3, 4, 5, e 6.

Não contamos ainda com uma análise estatística indicadora da variância das formas e decorações cerâmicas dos dois sectores mas, partindo do que atrás foi exposto, é nossa opinião que o 1.º nível de ocupação do s. II é o testemunho mais antigo da parte já escavada do povoado. Este facto não exclui a hipótese de este nível ter sido, pelo menos parcialmente, contemporâneo da *cabana* do S. V. Efectivamente este sector, embora relacionável também com o 2.º nível do S\* II, parece-nos ter ainda, ao nível de formas e decorações cerâmicas, bastantes pontos de contacto com o 1.º nível de ocupação daquele sector.

Somos assim levados a pensar que o S.V talvez marque a continuidade cronológica e cultural entre a ocupação mais antiga e a mais recente do S. II.

Pela mesma ordem de ideias, o 2.º nível de ocupação do S. II seria o testemunho mais recente do povoado pois é aquele que regista inovações relativamente aos restantes.

Estamos conscientes que, à parte a relação de anterioridade/posterioridade dos dois níveis do S. II, bem evidenciada pela estratigrafia e pelos materiais arqueológicos, a dedução feita para a correlação cronológica deste sector com o S.V, só pode ser apontada a título de hipótese. E embora esta hipótese nos pareça por enquanto acertada (pelo menos no que se refere ao S.II), não podemos, relativamente ao S.V, excluir uma outra: a da provável diferente funcionalidade destas unidades de habitat, que embora sendo contemporâneas, podem apresentar no seu registo material algumas discrepâncias.

Este trabalho encontra-se ainda em curso e, com as próximas campanhas de escavação pretende-se precisamente perceber, por um lado, da contemporaneidade ou não das diversas estruturas de habitat ou seja, da sua cronologia relativa e também absoluta, e, por outro, da implantação e distribuição das diferentes unidades de habitat na encosta do monte, das suas características específicas e das suas prováveis relações mútuas.

### 3. *Cunho e Barroca! Alto—dois povoados similares.*

Os povoados do Cunho e Barrocal Alto, que distam um do outro 2 km em linha recta, apresentam entre si vários pontos de contacto que vamos aqui sintetizar.

Ambos se situam em montes graníticos com condições naturais de defesa e dominam vales encaixados de rio e/ou ribeira. Estes montes, mais baixos que o planalto ondeado contíguo e intermédios entre este e as margens do Douro, beneficiam do vale deste rio como amenizador das grandes amplitudes térmicas características do *Planalto Mirandês*. Daí que actualmente, a cobertura vegetal natural (e apesar das muitas transformações decorrentes da humanização histórica da paisagem) e o tipo de agricultura praticada no vale do Douro e no planalto, sejam absolutamente contrastantes. No primeiro a cobertura vegetal natural é contínua e alterna com olivais,

vinhas e outros tipos de pomares; no segundo regista-se uma quase ausência de vegetação e, nos terrenos de cultivo, semeia-se essencialmente o trigo e o centeio.

Num e noutro povoado o habitat parece *nuclearizado* ou organizado em pequenos núcleos de habitat distintos e «encaixados» entre penedos graníticos,

Se excluirmos a ausência, até à data, de qualquer instrumento metálico e de «pesos de tear» no Barrocal alto, o espólio de ambos os povoados é, na globalidade, similar: ocorrência em baixas percentagens de material lítico talhado; grande número de moinhos manuais e percutores; alguns «ídolos de cornos»; machados polidos, enxós e ainda formas e até decorações cerâmicas muito similares.

Ao nível cerâmico, não estão presentes no Cunho vasos com fundo plano e, no que respeita à decoração, não se registam os tipos decorativos exclusivos do 2.º nível de habitat do Barrocal Alto.

Na ausência, por ora, de datações absolutas (credíveis<sup>4</sup>) para os dois povoados e, não podendo, nesta matéria, tirar ilações cronológicas seguras com base na análise do material arqueológico encontrado, referiremos tão só que, pelo menos, o mais antigo nível de ocupação do B. Alto poderia ter sido contemporâneo do povoado do Cunho ou levemente anterior a este. E isto porque, por um lado, no B. Alto, os dois níveis de ocupação detetados não acusam, entre si, um claro hiato cultural, antes ceita continuidade. Por outro, se as diferenças registadas no material cerâmico (recipientes) entre os dois povoados, se vão incluir todas no mais recente nível de ocupação do B. Alto, também é certo que

---

\* Encontram-se, de momento, em laboratórios de CI 4 espanhóis e para datação absoluta, seis amostras de carvão procedentes do Barrocal Alto. Uma provém da estrutura de combustão maior do s. V. No s.II, duas pertencem ao 1.º nível de ocupação, duas ao 2.º nível e a outra é um tronco carbonizado que jazia isolado na camada geológica de base, imediatamente sob as estruturas do 1.º nível.

Este grupo de amostras incluía mais uma, proveniente da lareira do s. II (2.º nível de ocupação) e que já foi analisada. A data obtida foi de 3230±100 B. P. (UGRA--223). Ante o material arqueológico exumado deste nível, julgamos que a mesma é muito recente. De qualquer modo ela só terá valor, em nosso entender, quando comparada com as outras duas retiradas da camada arqueológica que estava associada a esta lareira e que provém de locais um pouco mais protegidos das raízes actuais. De referir que a lareira datada se encontrava quase à superfície.

é só neste nível<sup>5</sup> que se vão encontrar alguns dos elementos comuns a ambos, como sejam, as pontas de seta e os «ídolos de cornos».

Pela implantação topográfica, organização do habitat, presença no Cunho de um punção de cobre arsenicado e semelhanças na maioria do espólio cerâmico (essencialmente, mas não só neste), os povoados do Cunho e do Barrocal Alto parecem relacionar-se estreitamente com vários dos povoados do SW da Meseta N. espanhola (por ex. El Coto e Fontanillas dei Castro em Zamora, La Pena dei Aguilla em Ávila, La Mariserva em Salamanca e outros), povoados conotados com o início da metalurgia do cobre nesta região e atribuídos ao Calcolítico (LOPEZ PLAZA 1978 e DELIBES DE CASTRO 1985). Este período cultural, seg. Delibes de Castro, ter-se-ia iniciado no vale do Douro, nos meados do III<sup>o</sup> milénio a. C.

Admitimos para estes povoados e enquanto não dispomos de datações absolutas seguras, uma cronologia adentro do Calcolítico — Bronze inicial.

Porto, Junho de 1986,

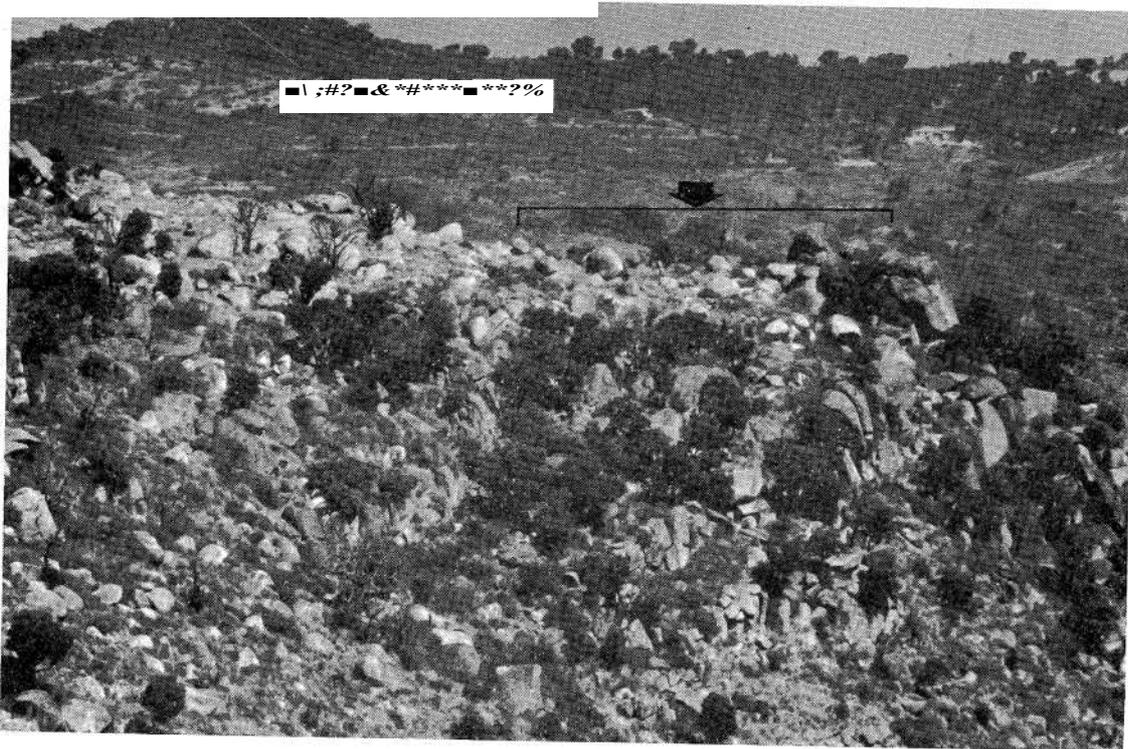
---

<sup>5</sup> Englobamos aqui neste *nível ou fase mais recente*, a cabana do S. II (camada 2) e a cabana do S.V que, embora pareçam não ser totalmente contemporâneas (a cabana do S. II indica ser mais recente que a do S.V) denotam, no registo material do seu espólio e das estruturas de habitat, mais semelhanças entre si do que o 1.º nível do sector II.

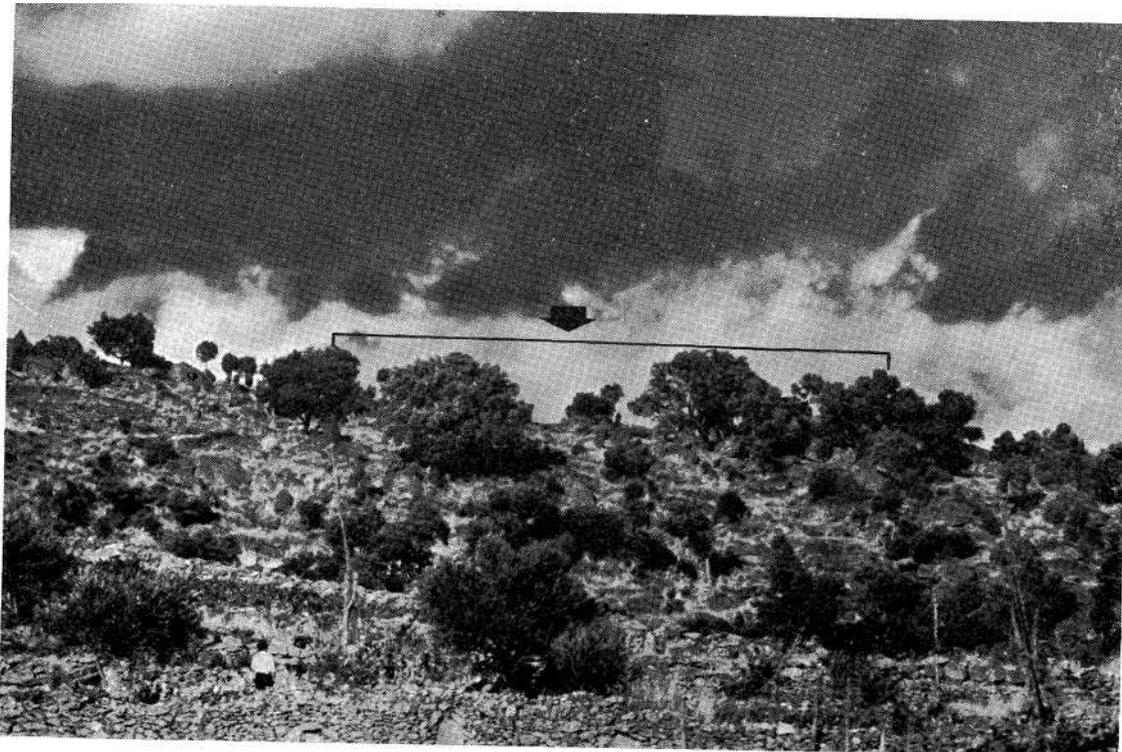
## BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

- DELIBES DE CASTRO (G.) e FERNANDEZ MANZANO, «El castro proto-histórico de «La Plaza» em Cogeces dei Monte (Valladolid), Reflexiones sobre el origen de la fase Cogotas I», in *BSAA*, XLVII, 1891.
- DELIBES DE CASTRO (G.),—*La Prehistoria Del Valle Del Duero, EL Calcolítico, Historia de Castilla y Leon*, 1, 1985, pp. 37-52.
- ESPARZA ARROYO (A) — «Los castros de Zamora occidental y Tras-os-Montes oriental: habitat y cronología», in *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Portugalia*, nova série, vol. 4-5, Porto, 1983, pp. 131-146.
- LOPEZ PLAZA, (S.)—*Comienzos Del Eneolítico Protourbano En El SO de La Meseta Norte*, Tesis Doct. apresentada à Fac. de Filosofia y Letras da Univ. de Salamanca, Salamanca, 1979.
- MARTINS, (M), — «Duas datas de C14 para a ocupação do Bronze Final do povoado de S. Julião (Vila Verde)», in *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, pp.159--160.
- SANCHES, (M. J.) e D. S. Marcos — «O povoado pré-histórico do Cunho-Mogadouro (Resultados preliminares da escavação de 1983)», in *Arqueologia*, 12, Porto, 1985, pp. 141-154.

1. Localização do povoado do Cunho. Foto tirada de S.

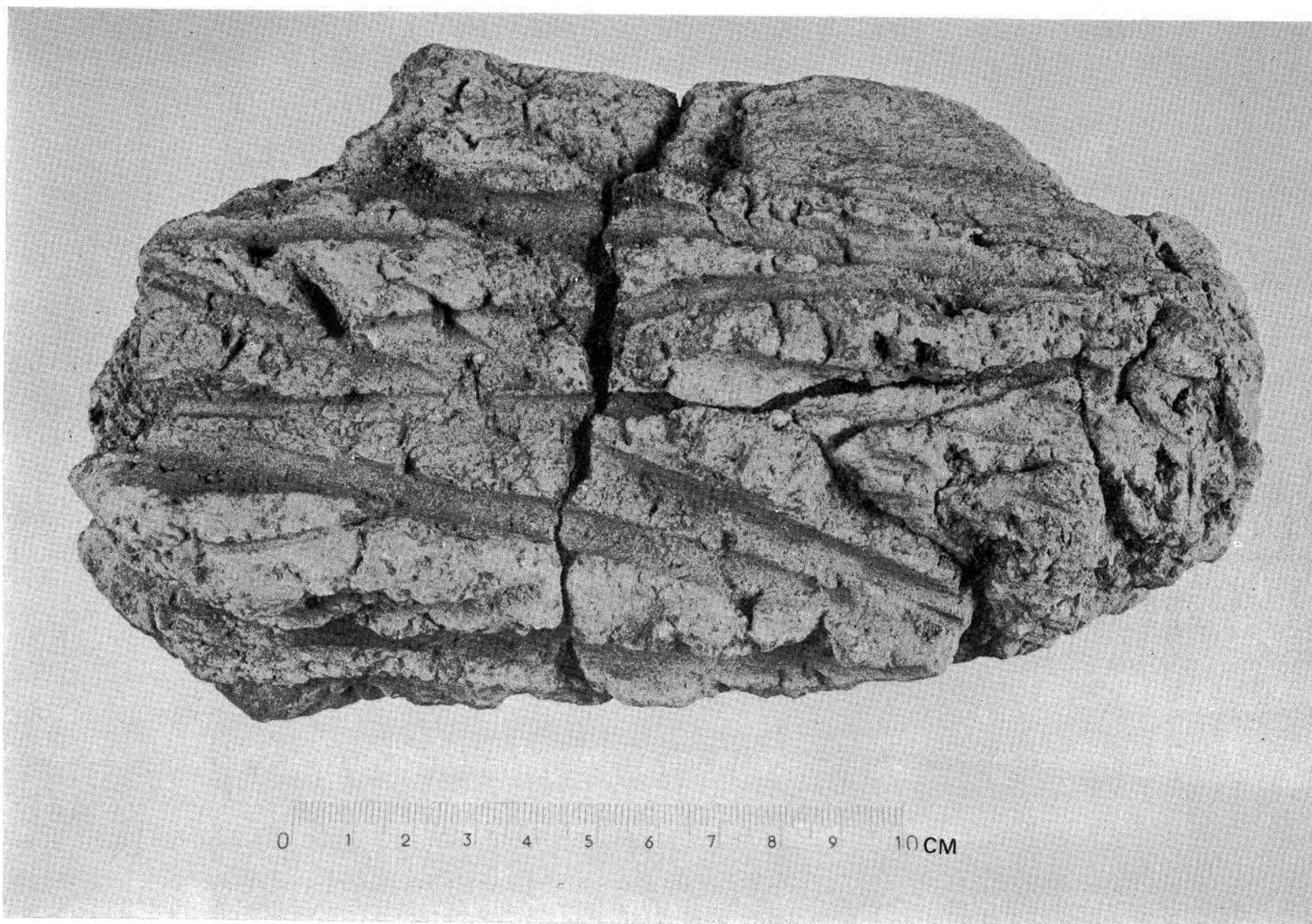


ESTAMPA I



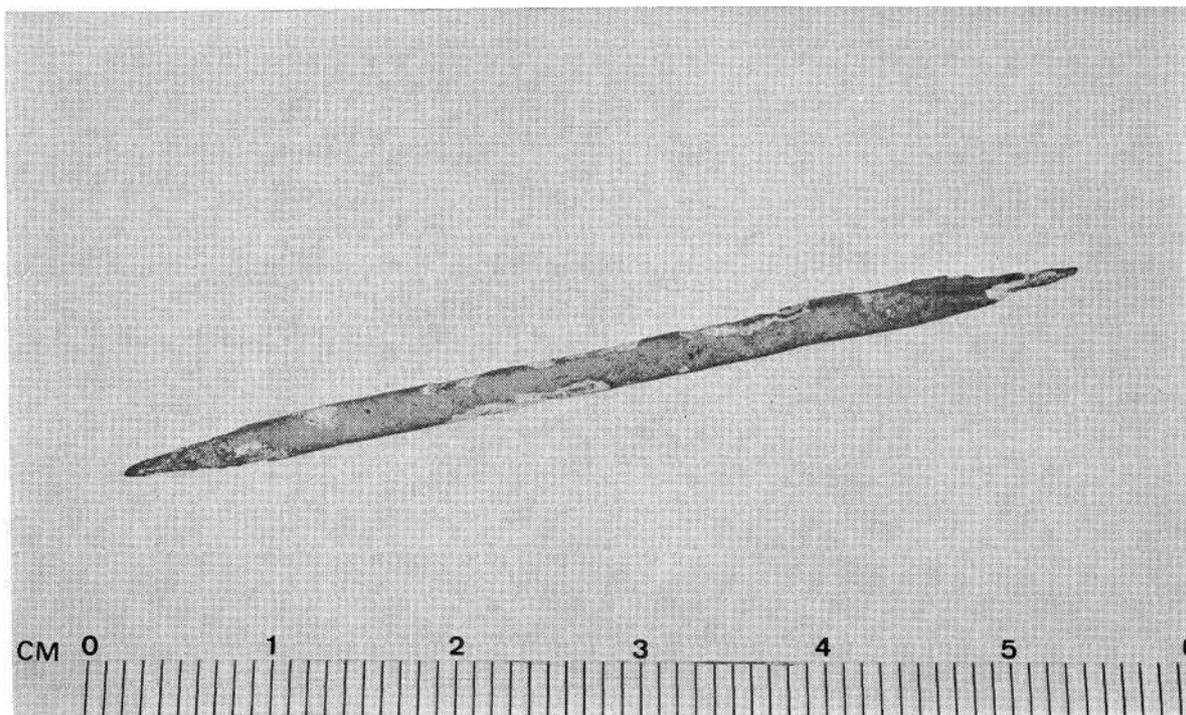
2. Localização do povoado do Barrocal Alto. Foto tirada de W.





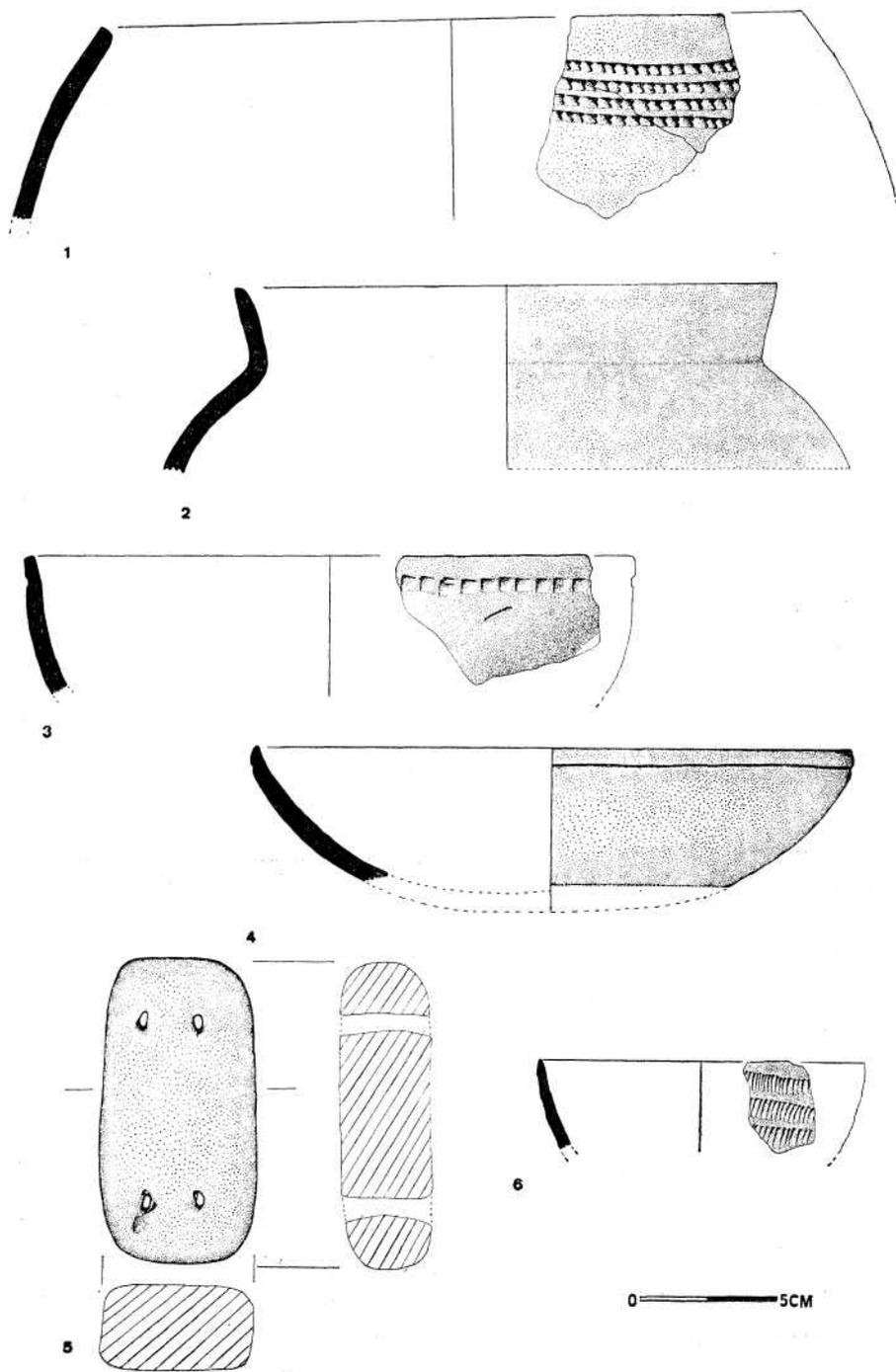
1. «Barro de revestimento» do povoado do Cunho — S.I. Foto Dr. Roldão.

ESTAMPA II (Cont.)



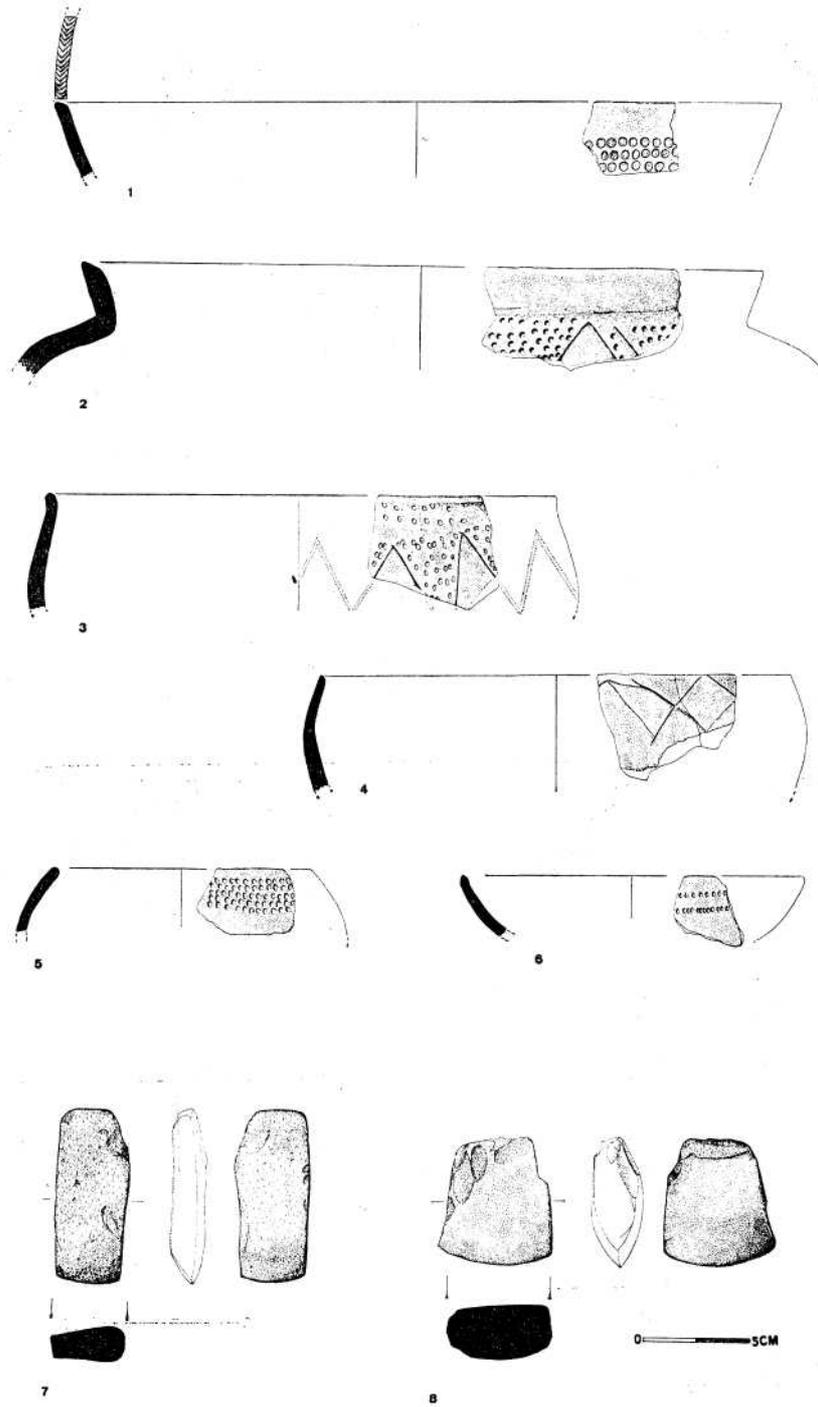
2. Punção de cobre do povoado do Cunho — S. I. Foto Dr. Roldão.

ESTAMPA III



Materiais arqueológicos do Cunho: 1, 2, 3 e 4 — vasos cerâmicos do S. V; 5 — «peso de tear» do S. VI; 6 — vaso cerâmico do S. II. (1, 3, 4, 5 e 6 — desenhos de Susana F. da Costa).

ESTAMPA IV



Materiais arqueológicos do Barrocal Alto: 1—vaso cerâmico do S. II, *camada 2*; 2, 3, 4, 5 e 6 — vasos cerâmicos do S. V; 7 — enxó do S. V; 8 — machado do S. V. (1, 2, 3, 4, 7, e 8 — desenhos de *Susana F. da Costa*.)